

O Globo, 25 de maio de 2020

## **Vulneráveis ao coronavírus, idosos respondem por mais da metade da renda em 20% dos lares**

*Estudo alerta para peso econômico da população de 60 anos ou mais, faixa etária que concentra mais de 70% das mortes por Covid-19*

Por: Cássia Almeida e Vitor da Costa

"A cada idoso que morre, mais uma família entra na pobreza". A frase da economista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) Ana Amélia Camarano alerta para o peso econômico da população de 60 anos ou mais, a mais vulnerável às complicações da Covid-19.

Até a segunda semana deste mês, 72% das mortes pela doença foram de pessoas nessa faixa. A maioria é de homens (57,9%), que ganham mais no mercado de trabalho e na aposentadoria. Além da dor para as famílias, a morte de idosos na pandemia pode significar também a perda da principal fonte de renda em muitos lares.

Um estudo de Ana Amélia mostra que em 20,6% dos 71 milhões de domicílios brasileiros os recursos do trabalho, aposentadorias ou pensões de idosos representam mais da metade de toda a renda familiar. Uma dependência que está se agravando com a crise do coronavírus. Mais membros das famílias estão perdendo trabalho ou renda. A pesquisa foi revelada pelo colunista do GLOBO Ancelmo Gois.

A pesquisadora observa que nesses quase 15 milhões de lares dependentes dos idosos residem 30,6 milhões de pessoas, sendo 2,1 milhões de crianças e adolescentes:

— Há uma dupla perda. Primeiro a afetiva, depois a financeira. E até uma terceira, a de apoio familiar. Muitos avós e avôs cuidam das crianças. Sem creche e escolas, pode ser o único apoio para os pais que precisam trabalhar.

A renda domiciliar per capita nos domicílios em que idosos respondem por mais da metade do orçamento é de R\$ 1.621,80. O trabalho estima que, se

os idosos que são os principais mantenedores da família morressem, o indicador cairia para R\$ 425,54.

Mas a queda pode ser mais acentuada. Na média dessa parcela de 20% dos domicílios, a renda do idoso — aposentado, beneficiário de programa social ou que ainda trabalhe — responde por 90,1% do orçamento familiar.

### Alta dependência

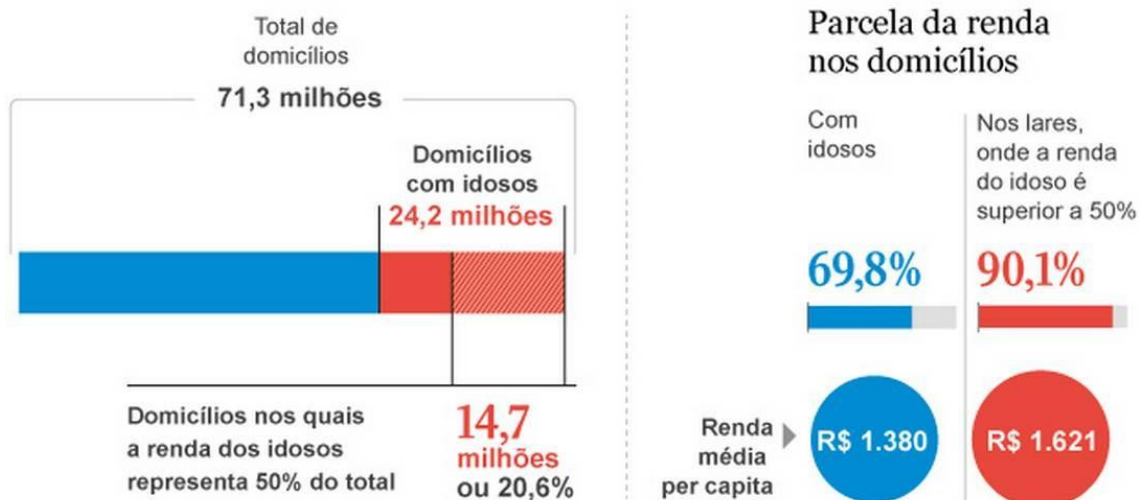
A pesquisa mostra que há 4,3 milhões de pessoas com menos de 60 anos que dependem unicamente da renda de idosos. A grande maioria nessa camada recebe aposentadoria ou Benefício de Prestação Continuada (BPC), que têm piso de um salário mínimo (R\$ 1.045). Um recurso estável, que não está sujeito aos riscos do mercado de trabalho.

Para a economista do Ipea, é importante proteger as famílias desses idosos que morrerem, com auxílio emergencial e capacitação para que os parentes possam retornar ao mercado quando a quarentena acabar e substituir a renda perdida junto com o familiar:

— Com certeza (a pandemia) vai aumentar a pobreza. Como a incidência da doença é alta nesses grupos, cada idoso que morre (neste segmento social) é mais uma família que entra na pobreza. São os órfãos da Covid-19.

No Brasil, há 30 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, o que corresponde a 15% da população. E somente 5% deles não têm renda. O professor do Instituto de Economia da UFRJ João Saboia diz que a imagem do idoso pobre dentro de casa não é verdadeira.

## Participação na renda



Fonte: Estudo de Ana Amélia Camarano, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad)

O GLOBO

Muitas vezes, há três gerações numa mesma residência, e a renda principal é a do idoso. Significa a maior parte da renda ou a totalidade, ele observa:

—A pobreza é jovem, não é idosa. Os idosos praticamente todos têm acesso a algum tipo de benefício, seja da Previdência ou de alguma assistência social. Se for um casal (de idosos na casa), significa, pelo menos, dois salários mínimos.

O economista lembra que o auxílio emergencial de R\$ 600 pago aos informais por três meses na pandemia é muito menos que a renda dos idosos:

— O básico do idoso é um salário mínimo, mas há uma parcela que tem uma aposentadoria elevada. E o setor informal, que em crises clássicas poderia ser a saída para outros membros das famílias, ficou inviável com a quarentena.

A aposentadoria de Janete Salles, de 63 anos, representa perto de 50% do dinheiro que sustenta a casa onde mora em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, com um dos três filhos e o neto Lucas, de 20 anos. Ela trabalhou como empregada doméstica por duas décadas.

Há três anos, conseguiu se aposentar pela soma da idade com o tempo de contribuição. Ganha um salário mínimo. Ela divide as contas com o filho,

que trabalha como conferente na Central de Abastecimento do Estado do Rio (Ceasa) e ganha em torno de R\$ 1.200.

— Tenho que ajudar nas contas da casa com certeza. A gente divide as despesas, e o dinheiro que ganho como aposentada ajuda a pagar contas de luz, água e parte da alimentação — conta Janete, que é hipertensa e contraiu Covid-19, assim com o filho, mas está se tratando em casa. — Tive muita dor nas costas, tosse e outros sintomas.

Com as medidas de contenção da pandemia, o neto dela tem ainda mais dificuldades para arrumar emprego. A família então decidiu fazer alguns cortes nas despesas, mas ainda não recorreu a empréstimos nem precisou contrair dívidas. Alguns de seus parentes tiveram que recorrer ao auxílio emergencial do governo, mas os pedidos ainda estão sendo analisados.

Na casa dela, o benefício previdenciário representa alguma segurança.

— Diminuímos muita coisa na alimentação, comprando quantidades menores e cortando alguns produtos, como carne e leite — lamenta Janete.

Segundo o demógrafo José Eustáquio Alves, da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (Ence), os idosos aumentaram muito a participação na renda das famílias:

— A proporção dos idosos que trabalham é pequena, mas a maioria deles tem aposentadoria ou BPC. A política social atende a essa faixa etária.

Mas os idosos que estão no mercado de trabalho também são afetados pela crise. Há 3,3 milhões deles que trabalham por conta própria, ocupação da categoria das mais atingidas nessa pandemia com a suspensão de atividades econômicas e o isolamento dos que podem ficar em casa.

### Vidas interrompidas

O trabalho de Ana Amélia, do Ipea, destaca que aproximadamente um quarto das mortes pela Covid-19 ocorrem entre homens de 70 a 79 anos. Considerando a atual expectativa de vida no Brasil, ela conclui que, sem a pandemia, eles poderiam ter vivido até uma década a mais.

“Levando em conta as condições de saúde de 2018, estes homens poderiam esperar viver mais 12,3 anos e trabalhar cerca de mais dois anos. Ou seja, são mortes precoces”, diz o estudo.

A pesquisadora do Ipea relaciona uma série de políticas públicas que poderiam ser usadas para ajudar a preservar a vida dos idosos nas classes mais pobres nesta pandemia, principalmente os que necessitam de cuidados especiais:

— Pode-se incluir teleajuda e assistência ao cuidador. Dada a recomendação de distanciamento social, isto coloca um desafio ainda maior para quem cuida do idoso frágil. Se forem estas pessoas que não trabalham e moram com eles, é preciso atenção redobrada para evitar o contágio, o que acarreta uma sobrecarga de trabalho.

Link original: <https://oglobo.globo.com/economia/vulneraveis-ao-coronavirus-idosos-respondem-por-mais-da-metade-da-renda-em-20-dos-lares-24443947>